

cadernos
de estudos
leirienses

ISSN 2183-4350

10



 textiverso

OUTUBRO 2016



Título: **CADERNOS DE ESTUDOS LEIRIENSES – 10**

Editor: Carlos Fernandes

Coordenador Científico: Saul António Gomes
(Professor Associado com Agregação do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Coordenadores desta edição: António Valério Maduro, Pedro Gomes Barbosa e Rui Rasquillo

Conselho Consultivo: Isabel Xavier, J. Pedro Tavares, Luciano Coelho Cristino, Mário Rui Simões Rodrigues, Miguel Portela, Pedro Redol e Ricardo Charters d’Azevedo

Concepção e arranjo da capa: Gonçalo Fernandes

Colecção: CADERNOS – 10

Coedição: Textiverso, AMA - Associação dos Amigos do Mosteiro de Alcobaça e Município de Alcobaça

©Textiverso
Rua António Augusto da Costa, 4
Leiria Gare
2415-398 LEIRIA - PORTUGAL
E-mail: textiverso@sapo.pt
Site: www.textiverso.com

Revisão e coordenação editorial: Textiverso
Montagem e concepção gráfica: Textiverso
Impressão: Artipol
1.ª edição: Outubro 2016
Edição 1183/16
Depósito Legal: 384489/14
ISSN 2183-4350

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

cadernos
de estudos
leirienses

10

Edição dedicada à evocação do IX Centenário
da Abadia de Claraval (1115-2015).
Colóquio realizado no dia 14 de Novembro de 2015
no auditório da Biblioteca Municipal
de Alcobaça

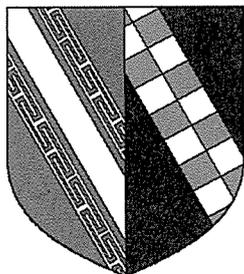
LEIRIA
OUTUBRO DE 2016



Índice

Apresentação	7
Programa	9
– Sujeito e verdade – Reactivação da espiritualidade em Cister e em São Bernardo	11
<i>Amílcar Coelho</i>	
– Os séculos XVII e XVIII nos coutos de Alcobaça: arquitectura e paisagem	55
<i>Rui Rasquilho e António Maduro</i>	
– S. Bernardo na independência de Portugal	71
<i>Pedro Gomes Barbosa</i>	
– De “filhas do diabo” a “esposas de Cristo”. Algumas notas sobre os mosteiros cistercienses femininos	81
<i>Maria Alegria Marques</i>	
– As Ordens religiosas e os vinhos estremenhos – Os bentos de Santarém (1629-1822)	93
<i>Aurélio de Oliveira</i>	
– Os forais manuelinos dos concelhos do couto de Alcobaça	99
<i>Saul António Gomes</i>	
– Acervo vegetal da botica do Mosteiro de Alcobaça – Espaço, proveniências e uso – Notas preliminares de investigação	137
<i>Maria do Céu Tereno, Marízia Pereira e Maria Monteiro</i>	
– Da reclusão à vida monástica: a origem de alguns mosteiros cistercienses femininos no século XIII	159
<i>Luís Miguel Rêpas</i>	
– O Mosteiro de Santa Maria de Cós, um passado e um futuro – Perspectivas arquitetónicas	173
<i>André Santos</i>	
Imagens do colóquio	189

Programa



COLÓQUIO IX CENTENÁRIO DA ABADIA DE CLARAVAL 1115 - 2015

Sábado, 14 de Novembro de 2015

Auditório da Biblioteca Municipal de Alcobaça

Entrada livre

PROGRAMA

De manhã

09H30 – Entrega de Documentação

1.ª Sessão de Comunicações

Moderador: Pedro Tavares

10H00 – Amílcar Coelho

A filosofia da espiritualidade de Bernardo de Claraval e a construção do espaço ascético-monástico de Cister

10H30 – Rui Rasquilho e António Valério Maduro

Os séculos XVII e XVIII nos coutos de Alcobaça: arquitetura e paisagem

11H00 – Pedro Gomes Barbosa

S. Bernardo e Portugal, a convergência de dois projetos

11H30 – Maria Alegria Marques

De “filhas do diabo” a “esposas de Cristo”. Algumas notas sobre os mosteiros cistercienses femininos

12H00 – Aurélio de Oliveira

As Ordens religiosas e os vinhos estremenhos. Os bentos de Santarém (1629-1822)

12H30 – Debate

13h00 – Pausa para almoço

De tarde

2.ª Sessão de Comunicações

Moderador: José Albuquerque Carreiras

15H00 – Saul António Gomes

A reforma manuelina dos forais nos coutos de Alcobaça

15H30 – Maria do Céu Tereno, Marília Pereira e Maria Monteiro

Acervo vegetal da botica do Mosteiro de Alcobaça – Espaço, proveniências e uso – notas preliminares de investigação

16H00 – Luís Repas

Da reclusão à vida monástica: a origem de alguns mosteiros cistercienses femininos no século XIII

16H30 – André Santos

O Mosteiro de Santa Maria de Cós, Alcobaça. Um Passado e Um Futuro, Perspetivas Arquitetónicas

17H00 – Debate

Nota: os assistentes poderão requisitar certificado de presença.





Acervo vegetal da botica do Mosteiro de Alcobaça – espaço, proveniências e uso – notas preliminares de investigação

*Maria do Céu Tereno**

*Marízia Pereira ***

*Maria Monteiro****

1. Introdução

A Ordem de Cister, implantada em Portugal com o beneplácito de D. Afonso Henriques, cujo objetivo era proceder ao povoamento de grandes parcelas de território recentemente conquistado aos Mouros, surgiu quando em 8 de Abril de 1153, este doou ao Abade do Mosteiro de Claraval, S. Bernardo, com o privilégio de couto, o lugar de Alcobaça¹, estabelecendo assim a fundação da Abadia de Alcobaça que se tornou a Casa-Mãe da Ordem em Portugal². Esta ordem religiosa deixou, desde a sua fundação, mar-

* Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora, Colégio dos Leões [cuttereno@gmail.com]

** Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento do Território, Universidade de Évora, Colégio Luís António Verney [mariziacmdp3@gmail.com]

*** Divisão de Cultura e Património, Câmara Municipal de Évora [filomena.monteiro@cm-evora.pt]

¹ Dom Maur de Cocheril – *Alcobaça – Abadia Cisterciense de Portugal*, Lisboa, 1989, p.25 e *Ob. Cit.* (1), p. 58, e ainda Manuel Vieira Natividade – *O Mosteiro de Alcobaça, (Notas Históricas)*, Coimbra, 1885, p. 60, que sugere uma interpretação ligeiramente diferente: “D. Afonso valeu-se então da poderosa influência de D. Bernardo para obter a sua confirmação do papa Eugénio III, como efectivamente obteve, e cedeu-lhe, depois como gratidão as terras de Alcobaça...”. A área que foi doada por D. Afonso Henriques seria de cerca de 44 000 hectares, que tinha como limite norte o termo de Leiria e o limite sul o termo de Óbidos.

² Dom Maur de Cocheril, *Alcobaça, Abadia Cisterciense de Portugal*, Lisboa, 1989, p. 25 e Ernesto Korrodi, *Alcobaça – Estudo Histórico-Archeológico da Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça*, Porto, 1929, p. 10.



Fig. 1 – Pintura de autor desconhecido atribuída a Quillard da 2.ª metade séc. XVIII.

Fonte: flemingdeoliveira.blogspot.pt/2012/09/o-visconde-de-seabra-biblioteca-do.html

cas muito expressivas em áreas diversificadas, que vão desde a implantação de um número considerável de casas religiosas, à construção de edifícios de grande qualidade arquitetónica, ao povoamento e consolidação do território, ao ensino a vários níveis, incluindo o da agricultura com a introdução de práticas mais desenvolvidas e eficazes, à criação de boticas nos seus mosteiros para prestar auxílio não apenas às comunidades residentes, mas também à população em geral que acorria em busca de auxílio.

2. Boticas monásticas

As boticas que se conhecem na Europa ocidental nasceram no interior dos conventos e mosteiros como forma de poder proceder ao tratamento das comunidades aí existentes e também auxiliar as populações que residiam na envolvente destes, criando dentro dos espaços claustrais, um lugar para efetuar experiências e preparar mezinhas³.

Localizavam-se próximo da zona de portaria para que o monge boticário pudesse administrar de dentro do espaço conventual o tratamento necessário às populações exteriores, sem quebrar o voto de vida em clausura.

³ SANTOS, Frei Manoel dos; *Alcobaça Ilustrada*; Coimbra, 1710, p. 346.

De modo geral, as boticas dispunham de um jardim botânico, ou horto do boticário, onde este plantava as plantas medicinais necessárias à extração dos componentes químicos adequados à confeção dos medicamentos. Deste horto encontram-se referências na obra de Frei Manuel dos Santos, *Alcobaça Ilustrada*⁴ onde são descritos os elementos indispensáveis ao bom funcionamento da enfermaria e da botica.

2.1. A botica do Mosteiro de Alcobaça

Se atendermos à descrição feita por Frei Fortunato de São Boaventura⁵, é no Mosteiro de Alcobaça que se encontra o primeiro monge boticário.

A botica, bem como a enfermaria⁶ exerceram uma função de auxílio não apenas aos monges mas também a todas as pessoas das áreas envolventes que careciam de medicação adequada⁷. Pela descrição das despesas com a

⁴ SANTOS, Frei Manoel dos; *Alcobaça Ilustrada*; Coimbra, 1710, p.346: "...e ordenança do enfermeiro; o qual tera tambem hum ortelam, que orte, & concerte a orta da enfermaria, & crie arvores, e ortaliça para recreaçam dos enfermos como se sempre usou: Item- elle dito enfermeyro tera hum escrivaõ que escreva a receita, & despeza da renda da dita enfermaria; pello qual o dito enfermeyro dara conta segundo o uso da Ordem, ou quando nõs mandamos; o boticario fará, e terá tambem hum livro em que assentará tudo quanto receber para a botica, cº o que despender assim com os monges assim como quaisquer outras pessoas ora sè dem as mezinhas de graça, ora por dinheiro, e assim tambem acentará no dito livro toda-las agoas, concervas, & mezinhas que fizer, posto que dinheiro nam custem; e declarando o pezo, a medida, que se fez de cada cousa; & "fassa tudo tam declaradamente, & de maneira que se lhe a bem tomar conta pello dito livro...".

⁵ SAN BOAVENTURA, Frei Fortunato de – *Historia chronologica, e critica da real abbadia de Alcobaça*, 1827, p. 23 descreve: "Era Frei D. João no século um grande farmacêutico e apesar de que no Mosteiro de alcobaça não faltavam os remédios necessários para as doenças dos Monges e dos pobres, ainda não havia uma Botica regular, e provida com a abundância de todos os socorros que a medicina costumava prescrever; e por isso é chamado justamente o primeiro Monge Boticário do Mosteiro de Alcobaça...".

⁶ COELHO, Amílcar, MADURO, António e RASQUILHO, Rui, *O Céu, a Pedra e a Terra – Os Cistercienses em Alcobaça*, (GEPAE), 2012 p. "No mosteiro, em 1530, gastam-se 605 mil reais para concluir a enfermaria, o sobreclaustro de D. Manuel e as oficinas de marcenaria e forno."

⁷ SAN BOAVENTURA, Frei Fortunato de – *Historia chronologica, e critica da real abbadia de Alcobaça*, 1827, p. 346: "...Item encomendamos ao dito Prior que vigie sempre sobre os officiaes da Casa, e saiba se fazem seus officios a serviço de Deos, E bem della, só consolaçam dos religiosos, principalmte sobre o enfermeyro, e enfermaria; a qual lhe encomendamos muito que visite ameude, & veja se os enfermos sam bẽm providos, afim de mezinhas, como de roupa em suas cama, & mantimentos em suas enfermidades, sêgundo forma do regimento que temos dado, e se sam con-

botica pode-se ter uma noção próxima da importância do papel que desempenhava⁸.

A localização física da botica e da enfermaria parecem ter sido alteradas ao longo do tempo, em função do natural crescimento do Mosteiro. Entre os séculos XIV e XV ter-se-á situado por detrás da sala medieval dos monges, no que é atualmente o claustro da levada ou do Cardeal⁹.



Figs. 2, 3 e 4 – Vistas da empena onde no seu prolongamento se situava a botica inicial. A fig. 4 mostra o acesso feito pelo interior do edifício para a botica mais recente. Fonte: acervo pessoal.

Posteriormente foram realizadas algumas obras consideradas necessárias onde surge a indicação da construção da botica após o término da noviciaria¹⁰.

solados do enfermeiro, o bem visitados pelo fisico & sachando que não, fata prover nisso mui inteiramente...". Encontra-se também no "Jornal de Coimbra, volume IV, Lisboa, 1813, uma descrição interessante do papel dos monges na assistência prestada às populações, p. 26" "...igualmente costumavam dar cama e botica aos doentes dos Coutos, que apresentavam certidões passadas pelos Médicos e assinadas pelos Parochos; e presentemente só dão botica fazendo petição ao Padre Geral."

⁸ CARDOSO, Luís, *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*, 2 vols., Lisboa, na Regia Officina Sylviana, 1747-1751. "Depende-se na botica do Mosteiro com os pobres desta Villa, e das mais dos Coutos em cada hum anno duzentos mil reis; e nos annos em que há mais enfermidades, chega o gasto s trezentos mil reis, e para lhe darem as medicinas de graça basta dizer o Medio, que a tal pessoa e necessitada. Na Portaria se dão aos pobres cada dia em todo o decurso do anno vinte e três a vinte e cinco alqueires de pao cozido, não entrando nesta conta o pao, carne, e peixe, que cresce no refeitório, que também vay para a portaria. Em quinta feira Santa se dispndem todos os annos com os pobres, que concorrem três mil e quinhentos, e muitos annos quatro mil pães de toda a farinha, não entrando nesta conta os que vão comer a sua ração neste dia ao refeitório.", p. 180.

⁹ COELHO, Amílcar, MADURO, António e RASQUILHO, Rui, *O Céu, a Pedra e a Terra – Os Cistercienses em Alcobça*, (GEPAE), 2012, p. 93.

¹⁰ SANTOS, Frei Manoel dos; *Alcobça Ilustrada*; Coimbra, 1710 "...e acabada a noviciaria se ira por diante com a obra ate se acabar com as casas, botica e as oficinas necessárias segundo temos ordenado e as obras sobreditas se faram pelo Prior e convento com os cem mil reis que para ellas lhes mandamos cada anno dar, e com mais que do seu ordenado lhes puderem nisso acrescentar....", p. 349.

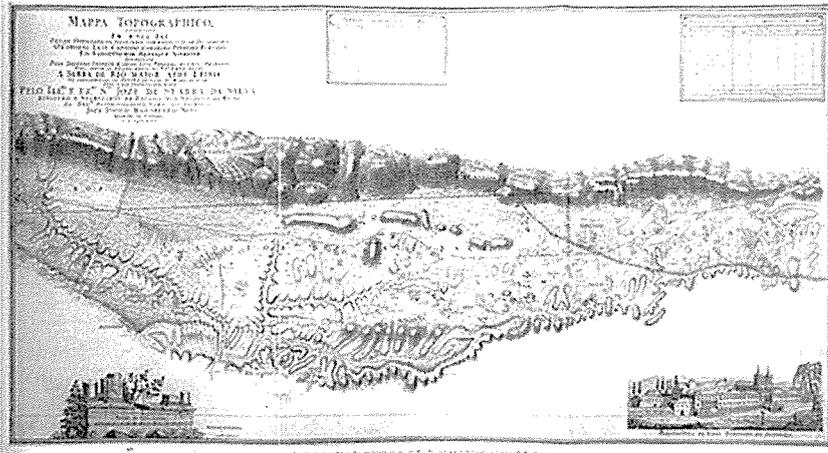


Fig. 5 – Vista do MAPPA TOPOGRAPHICO/ Levantado/ em M.DCC.XCI./ Pelos Officiaes de Infantaria com exercicio de Ingenheiros/ O Coronel Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado,/ e o Sargento-Mor Henrique Niemeyer. CA 436 IFP [1793].

Durante o reinado de D. Afonso VI inicia-se a construção do claustro com este nome, pelo seu lado norte cujo limite poente era definido pelas enfermarias, em cujo prolongamento se encontravam as necessárias¹¹.

Mais tarde a botica juntamente com a portaria nova surgem junto do alçado principal do Mosteiro como se pode observar pela planta com o Traçado da Estrada Real que ligava Rio Maior a Leiria em 1791¹² (Fig. 5), em que no canto inferior esquerdo se observa uma perspetiva com o conjunto do Mosteiro (Fig. 6), a botica e portaria adossadas ao corpo principal do edifício do mesmo. De muito interesse se revela a planta de William Elsdén (Fig. 7) com a representação do contorno do Mosteiro onde também se observa a implantação da botica¹³. Mais tarde e com a exclausuração das ordens religiosas, o edifício sofreu diversas alterações, e o corpo onde

¹¹ COELHO, Amílcar, MADURO, António e RASQUILHO, Rui, *O Céu, a Pedra e a Terra – Os Cistercienses em Alcobaça*, (GEPAE), 2012, p. 72.

¹² CA 436 IFP [1793] - MAPPA TOPOGRAPHICO/ Levantado/ em M.DCC.XCI./ Pelos Officiaes de Infantaria com exercicio de Ingenheiros/ O Coronel Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado,/ e o Sargento-Mor Henrique Niemeyer.

¹³ *Planta da Villa de Alcobaça* assinada por William Elsdén em 29 de Dezembro de 1775, no Convento de N^a S^a do Desterro em Lisboa. Marca de água C.& J. Honig. Planta colorida 69x142 cm constituída por 7 folhas de dimensão variada. Arquivo Histórico Militar, Espólio do Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, cota 479- 1-3-5.

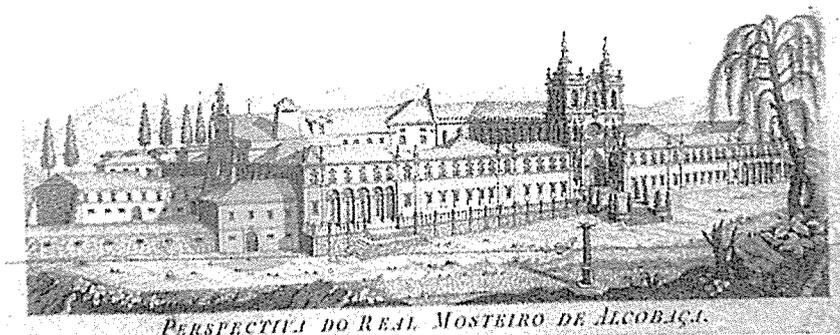


Fig. 6 – Extrato do MAPPA TOPOGRAPHICO/ Levantado/ em M.DCC.XCI./ Pelos Officiaes de Infanteria com exercicio de Ingenheiros/ O Coronel Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, e o Sargento-Mor Henrique Niemeyer. CA 436 IFP [1793].

a botica estava inserida foi demolido em 1839¹⁴, para dar lugar a um largo público (Figs. 8, 9 e 10).

2.2. Objetos da botica do Mosteiro de Alcobaça

Consultando o inventário de extinção das Ordens religiosas do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, encontra-se uma listagem de objetos muito di-

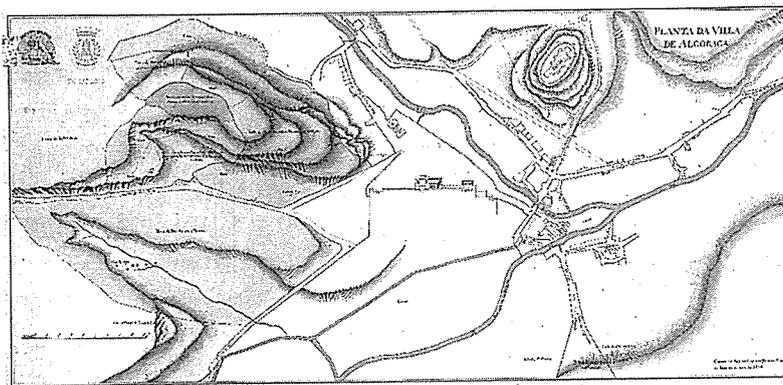
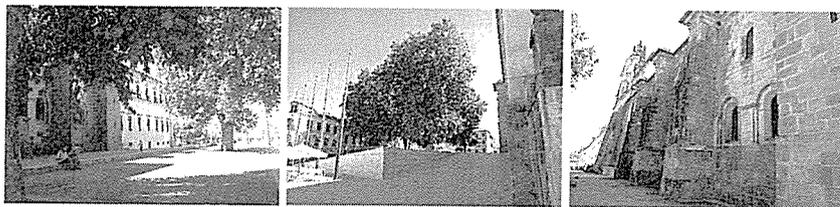
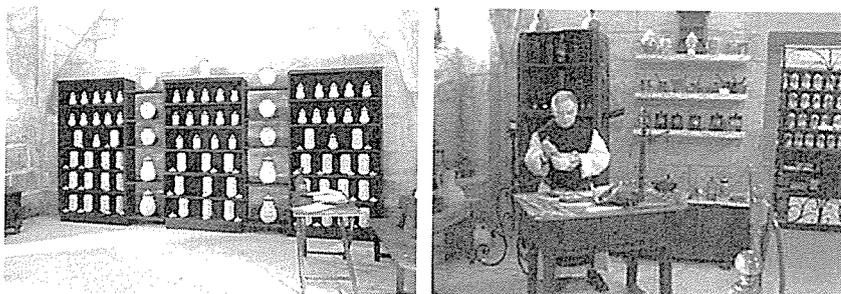


Fig. 7 – Planta da Villa de Alcobaça assinada por William Elsdén em 29 de Dezembro de 1775, no Convento de N.ª S.ª do Desterro em Lisboa. Marca de água C. & J. Honig. Planta colorida 69x142 cm constituída por 7 folhas de dimensão variada. Arquivo Histórico Militar, Espólio do Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, cota 479- 1-3-5.

¹⁴ MONTEIRO, João Oliva, "A Hospedaria do Mosteiro de Alcobaça – Um passado, um presente, uma proposta de futuro", *Mosteiros Cistercienses, História, Arte, Espiritualidade e Património*, Alcobaça, 2013, p. 249.



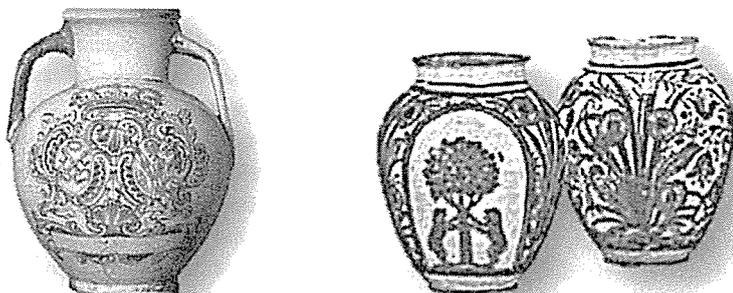
Figs. 8, 9 e 10 – Vistas do largo onde até 1839 se situavam os espaços das boticas novas, que foram demolidas para criar o largo actual. Fonte: acervo pessoal.



Figs. 11 e 12 – Alguns objectos da botica do Mosteiro de Oseira.

Fonte: *domuspucelae.blogspot.com*, *www.mundicamino.com*.

versificados (em anexo) que integram para além de uma diversidade de objectos de vidro, alambiques de diferentes tamanhos, tachos de materiais vários, almofarizes, frascos, fogareiros, retortas, potes de louça das Caldas, entre outros (Figs. 11, 12, 13 e 14). Esta discriminada listagem, parece apontar para uma utilização e criação de medicamentos e mezinhas, em larga escala, para abastecimento da enfermaria e apoio às populações circundantes.



Figs. 13 e 14 – Pote de cerâmica de Talavera (séc. XVII-XVIII, da Ordem de Cister. Museu Nacional de Artes Decorativas de Madrid e potes de cerâmica Portuguesa (séc. XVII-XVIII, da Ordem de Cister e Museu de Ourense. Fonte: *Antiguas boticas españolas y sus recipientes* José Vicente Gonzalez, *Ambito Hispano*, 2009.

3. A cerca

As cercas dos mosteiros tinham como finalidade proporcionar um espaço de transição entre a vida em clausura e a vida secular, além de servir como espaço de meditação.

As suas dimensões eram variáveis, e presume-se que tendo sido o Mosteiro construído de raiz, no local onde se encontra implantado, o espaço destinado à cerca fosse de dimensões muito significativas.

A cerca teve, naturalmente, de se adaptar às circunstâncias de um prevalecimento prolongado no território que determinou alterações na sua configuração inicial. As populações crescentes que iam ocupando o espaço envolvente ao Mosteiro tornaram necessária a alteração da dimensão da cerca¹⁵ cuja descrição é muito completa feita num aditamento à *Historia chronologica*, e crítica da real abbadia de Alcobaça de Frei Fortunato de São Boaventura. Encontram-se também referências à realização de obras onde a

¹⁵ SAN BOAVENTURA, Frei Fortunato de – *Historia chronologica, e crítica da real abbadia de Alcobaça*, 1827, p. (66): "...Adição ao que se escreveo no fim do Capítulo 4, do Título 2.º No anno 1566 aos 6 de Junho se fes petição ao Licenciado João homens do desembargo, e ouvidor destes coutos para tirar huma carta testemunhavel a cerca da demarcação deste Convento, e por pessoas de 80 e mais annos constou, que o mosteiro fora sempre cercado com huma cerca de muro dentro da qual não vivião mais que os servos e officaes da Caza, a qual cerca se chamava o burgo do mosteiro e era couto aonde se rrecolhião homiziados começava a cerca e primeira porta aonde chamão a porta de fora, e ali avia portaria com Religioso porteiro, que avisava ao prelado das pessoas que vinhão de fora e ficavalhe das portas para dentro a ermida de S. Antão dahi continuava a cerea ate a ponte e voltava pela estrada ate a misericordia aonde estava então huma ermida de S. Vicente, e que na rua do Castello aonde estava outra porta do Convento, desta porta corria o um ro pela rua de baxo, e quasi no fim della estava huma ponte por onde o muro outra ves continuava até a Igreja de S. Maria avelha, ficando a Igreja do muro para dentro, e avia aqui outra porta tambem, e continuado mais o muro vinha ate a porta que chamavão do rosio da roda ou porta da vinha e desta porta vinha a cerca pela ponte da enfermaria passando o rio e pelo pumar do viveiro ya ter á estrada que vem de Evora onde agora está a Cruz, e aqui estava outra porta que chamavão de Maria Coelha e daqui continuava cercando o cemiterio, e cazas do estar com seus quintaes de Algaraminha, e pelo pé do monte do cabeço de D. ya fenecer outra ves na porta de fora, ficando dentro desta cerca todos os quintaes e casarias da porta de fora, o viveiro com seus pumares e ortas e pumar da enfermaria, mais moinhos, fornos de pão antigo, alcaçarias lagares e adegas antigas, e adega da enfermaria, cavaliçãs antigas, e todas as mais cazas e quin taes que antigamente forão ortas e nogueiras do Convento ficando as três ermidas dentro da cerca, a qual cerca se veo a desfazer e povoarse nella a Villa, que ja tinha crescido muito no tempo que se fes esta inquirição e devia de ser, isto no tempo do Cardeal D. Afonso porque João de pina que foi huma das testemunhas jurou que em tempo de D. Jorze de mello que foi antecessor do Cardeal, vira a cerca na forma antiga...".

cerca se encontra incluída¹⁶ na obra *Alcobaça Ilustrada*. Referindo ainda a Planta da Villa de Alcobaça de William Elsdén, para além do aglomerado urbano que constituía a Villa nas suas proximidades com o Mosteiro podemos também encontrar localização da cerca, das suas entradas e saídas e pontes que se encontravam no seu interior¹⁷ (Figs.15, 16, 17, 18, 19 e 20).

Joaquim V. Natividade utiliza para a descrição da antiga cerca uma referência do Marquês de Alorna quando por lá passou, mencionando a beleza e o cuidado com que os monges tratavam dos espaços contidos na cerca¹⁸.

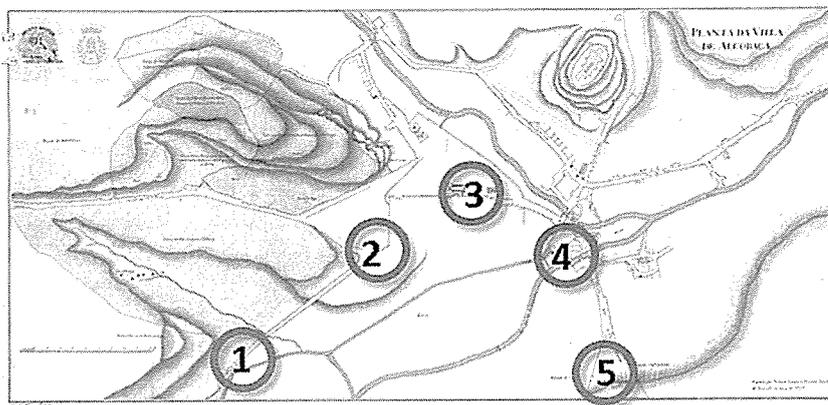
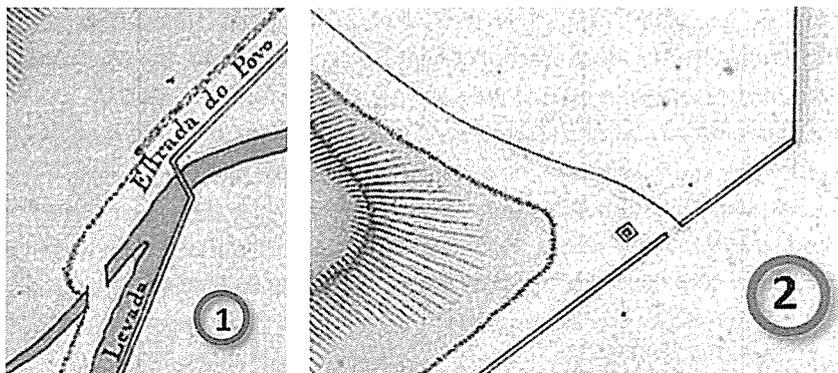


Fig. 15 – Representação dos principais pontos de interesse da configuração da cerca na *Planta da Villa de Alcobaça* assinada por William Elsdén em 29 de Dezembro de 1775, no Convento de N^ª S^ª do Desterro em Lisboa. Marca de água C. & J. Honig. Planta colorida 69x142 cm constituída por 7 folhas de dimensão variada. Arquivo Histórico Militar, Espólio do Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, cota 479- 1-3-5.

¹⁶ SANTOS, Frei Manoel dos; *Alcobaça Ilustrada*; Coimbra, 1710. P. 349: "... E a carta que asi nos escreverão vira assinada pelo Prior Superior e anciões; porque queremos que nos primeiros annos desta reformation nos seja dado conta de todas as cousas de substancia, que na casa se houverem de fazer primeiro que se façam. Item porque as obras deste mosteiro ate ao presente foram muitas, e ainda agora há algumas que sam muito necessárias e se agora nam se podem assentamos as que agora se devem logo acabar; e fazer primeiro que outras, algumas sam, a cerca a noviciaria, e enfermaria nesta maneira a saber que logo agora primeiramente se acabe acerca a qual assim como vai ao rio, aonde era se faz, um arco irá entestar na porta grande da cerca velha, e dai nam passara, e acabada esta cerca se fará a noviciaria, ..."

¹⁷ *Planta da Villa de Alcobaça* assinada por William Elsdén em 29 de Dezembro de 1775, no Convento de N^ª S^ª do Desterro em Lisboa. Marca de água C. & J. Honig. Planta colorida 69x142 cm constituída por 7 folhas de dimensão variada. Arquivo Histórico Militar, Espólio do Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, cota 479- 1-3-5.

¹⁸ NATIVIDADE, Joaquim Vieira, "O Mosteiro de Alcobaça – notas históricas – A igreja, os Túmulos, o Mosteiro", *Obras Várias*, II, p. 25.



Figs. 16 e 17 – Representação da levada (1) e de uma das entradas na cerca (2).

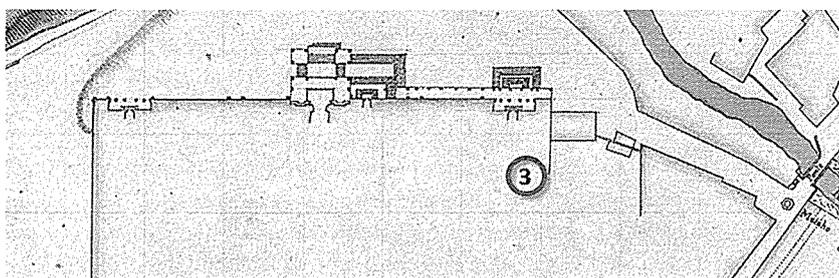


Fig. 18 – Localização da botica (3) em 1775. "As boticas velhas ficavam [...] na aza da ponte da Olaria, por cima do segundo arco tendo do lado do rio os seus quintais ainda hoje chamados Quintaes da Botica..." NATIVIDADE, Manuel Vieira, O mosteiro de Alcobaça (notas históricas) Impr. Progresso, 1885, p. 137.

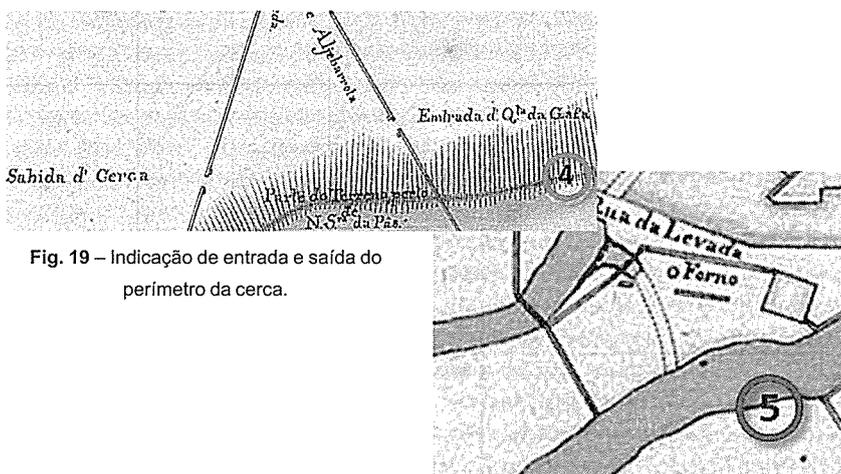


Fig. 19 – Indicação de entrada e saída do perímetro da cerca.

Fig. 20 – Localização da levada.

Também uma descrição de muito interesse quer sobre a localização da botica quer dos espaços que integram a cerca é-nos dada por Manuel V. Natividade¹⁹.

O claustro da levada dos Noviços ou do Cardeal era atravessado por uma derivação do rio Alcoa sensivelmente a meio, que entrava no conjunto edificado, percorrendo vários espaços do Mosteiro. A água da levada garantia, provavelmente, a rega dos jardins e espaços com ervas aromáticas e medicinais que seriam utilizadas nas boticas (Figs. 21, 22 e 23).



Fig. 21 – Claustro da levada ou do Cardeal onde terá existido um jardim com plantas aromáticas e medicinais que abasteciam a botica. Foto: acervo pessoal.

¹⁹ NATIVIDADE, Manuel Vieira, *O mosteiro de Alcobaça (notas históricas)*, Impr. Progresso, 1885: "...A praça de D. Afonso Henriques (chamado antigamente *Largo do Chafariz*) era um vasto pateo fechado ao poente por um muro, cujo centro era cortado pela entrada principal do edifício. À direita da entrada d'esse pateo ficavam as boticas novas nas casas contíguas às escadas da *micha*; seguiam-se-lhe o refeitório e a cosinha. No topo ficavam as cellararias, e à esquerda no plano inferior as cavalariças e nos planos superiores casas de fructas, a que chamavam *barras*.

E outras dispensas do mosteiro. Da porta da cosinha à *Olaria* (pequena aza pegada à ponte d'esse nome) havia dois arcos; - um de cantaria junto ao frontão da cosinha, e outro mais distante, sobre o qual assentavam as boticas velhas. As adegas eram em diferentes partes: - umas passando-se o primeiro arco, outras na actual praça fr. Bernardo de Brito (então um pateo do mosteiro fechado por um muro ao norte) nas casas que se prolongam do arco do nascente até à *levada*.

O espaço que vae do extremo do *Largo do Chafariz*, à capella de santo António, era ocupado pelas lojas dos barbeiros, e outros officiaes do mosteiro.

As boticas velhas ficavam, como já dissemos, na aza da *ponte da Olaria* por cima do segundo arco tendo do lado do rio os seus quintaes ainda hoje chamados Quintaes da Botica.

Todo o espaço que acabamos de mencionar e que hoje ninguém diria ter feito parte do mosteiro, é embelezado por novas construções..." p. 137.



Fig. 22 – Vista do Claustro da Levada ou do Cardeal. Fonte: acervo pessoal.

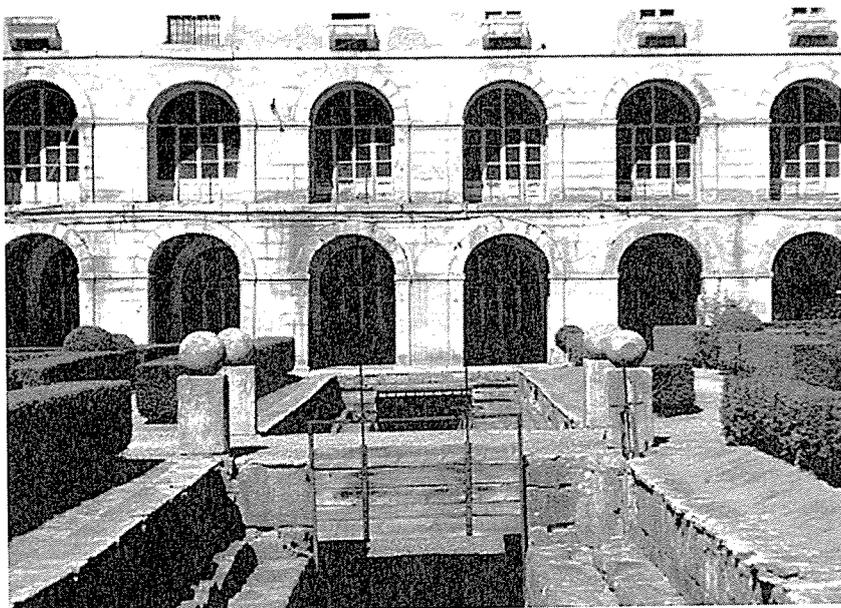


Fig. 23 – Vista da levada que se situa no claustro do Cardeal. Fonte: acervo pessoal.

4. As plantas medicinais da botica do Mosteiro de Alcobaça

Com base em documentação consultada, nomeadamente do inventário de extinção do Convento de Santa Maria de Alcobaça datado de 1833, realizou-se um primeiro levantamento de espécies vegetais utilizadas na época, apesar das dificuldades na interpretação da grafia e dos nomes latinos. A

informação referente a cada espécie vegetal foi sistematizada de seguinte forma:

1. Nome comum – designação mais corrente atualmente.
2. Nome latino – nome científico da espécie atualizada.
3. Família – unidade sistemática e categoria taxonómica mais importante do reino vegetal.
4. Origem – área de proveniência geográfica da espécie.

4.1. Elenco florístico medicinal²⁰

[Ver Quadro nas páginas seguintes]

²⁰ Fontes das fotos dos exemplares vegetais inscritos no quadro respeitante ao elenco florístico medicinal:

www.biolib.cz, rexresearch.com, auntiedogmasgardenspot.files.wordpress.com, w110.bcn.cat, www.plantes-shopping.fr, upload.wikimedia.org, www.pfaf.org, g01.a.alicdn.com, s142.photobucket.com, www.healthfig.com, www.plantzafrica.com, www.woodbridgenursery.com.au, inpn.mnhn.fr, www.onlyfoods.net, www.floristtaxonomy.com, www.colorfulnature.com, www.hydrotip.de, c2.staticflickr.com, www.bihrmann.com, cookislands.bishopmuseum.org, mein.salzburg.com, dic.academic.ru, www.discoverlife.org, commons.hortipedia.com, www.enchantedgardenaz.com, dravyagunatvpm.files.wordpress.com, www.botanical-online.com, img.yasalud.com, plants.usda.gov, www.worldagroforestry.org, www.kew.org, loghouseplants.com, convolvulaceae.myspecies.info, www.actaplantarum.org, guiahomeopatico.com, www.west-crete.com, static.tree-nation.com, luirig.altervista.org, www.maltawildplants.com, quickbooker.org, www.flickr.com, luciaguilhermino.com, www.biopix.com, traveltoeat.com, www.leicestershirevillages.com, www.actaplantarum.org, www.oficinadeervas.com.br, newfs.s3.amazonaws.com, www.tradewindsfruit.com, www.pukkaherbs.com, media.gerbeaud.net, www.pfaf.org, www.stridvall.se, www.pilikula.com, arbornet.com.au, www.konarkherbal.com, cache.psychotropicon.info, www.herbalfire.com, blogs.ubc.ca

NOME COMUM	NOME LATINO	FAMÍLIA	ORIGEM
alcaçuz	<i>Glycyrrhiza glabra</i> L.	Fabaceae	Pluriregional
alcatira	<i>Astragalus tragacantha</i> L.	Fabaceae	Europeia
alho	<i>Allium</i> sp.	Liliaceae	Pluriregional
almecega	<i>Pistacia lentiscus</i> L.	Anacardiaceae	Europeia
almíscar	<i>Malva moschata</i> L.	Malvaceae	Pluriregional
alteia	<i>Althaea officinalis</i> L.	Malvaceae	Europeia
amendoeira	<i>Prunus dulcis</i> (Mill.) D. A. Webb.	Rosaceae	Asiática
amoreira	<i>Morus</i> sp.	Moraceae	Pluriregional
angelica	<i>Angelica archangelica</i> L.	Apiaceae	Pluriregional
anis-estrelado	<i>Illicium verum</i> Hook. f.	Illiciaceae	Asiática
aristoloquia	<i>Aristolochia paucinervis</i> Pomel	Aristolochiaceae	Europeia
arnica	<i>Arnica montana</i> L.	Asteraceae	Europeia
azebre	<i>Aloes</i> sp.	Asphodelaceae	Pluriregional
benjoeiro	<i>Styrax benzoin</i> Dryand.	Styracaceae	Asiática
bistorta	<i>Polygonum bistorta</i> L.	Polygonaceae	Europeia
brionia	<i>Bryonia cretica</i> Jacq.	Cucurbitaceae	Europeia
cálamo-aromático	<i>Acorus calamus</i> L.	Acoraceae	Asiática
cana-de-açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Poaceae	Asiática
caneleira	<i>Cinnamomum cassia</i> (Nees & T.Nees) J.Presl	Lauraceae	Asiática
cânfora	<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J. Presl	Lauraceae	Asiática
cardamomo	<i>Elettaria cardamomum</i> (L.) Maton	Zingiberaceae	Asiática
cascarrilha	<i>Croton eluteria</i> (L.) W.Wright	Euphorbiaceae	Americana
cevada-de-frança	<i>Hordeum</i> sp.	Poaceae	Pluriregional
cicuta	<i>Conium maculatum</i> L.	Apiaceae	Pluriregional
cinoglossa	<i>Cynoglossum officinale</i> L.	Boraginaceae	Pluriregional
coloquintida	<i>Citrullus colocynthis</i> (L.) Schrad.	Cucurbitaceae	Africana
coralina	<i>Adenantha pavonina</i> L.	Fabaceae	Asiática
dedaleira	<i>Digitalis</i> sp.	Scrophulariaceae	Pluriregional
erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	Europeia
esúla	<i>Euphorbia peplus</i> L.	Euphorbiaceae	Europeia
estoraque	<i>Liquidambar orientalis</i> L.	Altingiaceae	Asiática
eufórbio	<i>Euphorbia resinifera</i> A. Berger	Euphorbiaceae	Africana
fumária	<i>Fumaria officinalis</i> L.	Papaveraceae	Europeia
galanga	<i>Alpinia galanga</i> (L.) Sw.	Zingiberaceae	Asiática
galha	<i>Quercus</i> sp.	Fagaceae	Pluriregional
genciana	<i>Gentiana</i> sp.	Gentianaceae	Pluriregional
gingibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	Asiática
goma-arábica	<i>Vachellia seyal</i> (Del.) P.J.H.Hurter	Fabaceae	Africana
guaiaicum	<i>Guajacum officinale</i> L.	Zygophyllaceae	Americana
hera	<i>Hedera helix</i> L.	Araliaceae	Europeia
hibisco	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Malvaceae	Asiática
hortelã-vulgar	<i>Mentha spicata</i> L.	Lamiaceae	Asiática
incenso	<i>Boswellia sacra</i> Flueck.	Burseraceae	Africana
jalapa	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urban	Convolvulaceae	Americana

NOME COMUM	NOME LATINO	FAMÍLIA	ORIGEM
jarro	<i>Arum italicum</i> Mill.	<i>Araceae</i>	Europeia
labaga	<i>Rumex crispus</i> L.	<i>Polygonaceae</i>	Europeia
laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck.	<i>Rutaceae</i>	Asiática
limoeiro	<i>Citrus × limon</i> (L.) Burm. f.	<i>Rutaceae</i>	Asiática
linhaça	<i>Linum usitatissimum</i> L.	<i>Linaceae</i>	Africana
lírio-florentino	<i>Iris florentina</i> L.	<i>Iridaceae</i>	Europeia
loureiro	<i>Laurus nobilis</i> L.	<i>Lauraceae</i>	Europeia
macela	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	<i>Asteraceae</i>	Americana
mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	<i>Euphorbiaceae</i>	Pluriregional
mercurial	<i>Mercurialis annua</i> L.	<i>Euphorbiaceae</i>	Europeia
mirra	<i>Commiphora myrrha</i> (Nees) Engl.	<i>Burseraceae</i>	Africana
mostarda	<i>Sinapis alba</i> L.	<i>Brassicaceae</i>	Pluriregional
nóz-moscada	<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	<i>Myristicaceae</i>	Asiática
pedra ume	<i>Myrcia sphaerocarpa</i> DC.	<i>Myrtaceae</i>	Americana
pessegueiro	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	<i>Rosaceae</i>	Asiática
pimenta-da-jamaica	<i>Pimenta dioica</i> (L.) Merr.	<i>Myrtaceae</i>	Americana
pimenta-longa	<i>Piper longum</i> L.	<i>Piperaceae</i>	Asiática
poligala	<i>Polygala</i> sp.	<i>Polygalaceae</i>	Europeia
quina	<i>Cinchona calisaya</i> Wedd.	<i>Rubiaceae</i>	Americana
quinino	<i>Cinchona pubescens</i> Vahl	<i>Rubiaceae</i>	Americana
romanzeira/balaustrias	<i>Punica granatum</i> L.	<i>Lythraceae</i>	Asiática
ruibarbo	<i>Rheum rhaponticum</i> Baill.	<i>Polygonaceae</i>	Asiática
salsaparrilha	<i>Smilax aspera</i> L.	<i>Smilacaceae</i>	Pluriregional
sândalo	<i>Santalum album</i> L.	<i>Santalaceae</i>	Asiática
sangue-de-drago	<i>Dracaena draco</i> (L.) L.	<i>Ruscaceae</i>	Macaronésica
sene	<i>Cassia angustifolia</i> Vahl	<i>Fabaceae</i>	Africana
serpentaria	<i>Dracunculus vulgaris</i> Schott	<i>Araceae</i>	Europeia
tamarindeiro	<i>Tamarindus indica</i> L.	<i>Fabaceae</i>	Africana
tília	<i>Tilia cordata</i> Mill.	<i>Tiliaceae</i>	Pluriregional
tucilago	<i>Tussilago farfara</i> L.	<i>Asteraceae</i>	Pluriregional
valeriana	<i>Valeriana officinalis</i> L.	<i>Valerianaceae</i>	Pluriregional
zaragatoa	<i>Plantago psyllium</i> L.	<i>Plantaginaceae</i>	Pluriregional
zimbros	<i>Juniperus communis</i> L.	<i>Cupressaceae</i>	Pluriregional

5. Conclusão

O mosteiro de Alcobaça possuiu algumas boticas que foram sendo ajustadas na sua localização ao longo da evolução ocupacional do espaço, pela necessidade crescente da ampliação dos espaços.

A botica e a enfermaria exerceram conjuntamente uma função muito importante de auxílio quer aos monges da comunidade monacal quer a todas as pessoas das áreas circundantes ao mosteiro que careciam de medicação adequada.

Com base nos Autos de Inventário do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (1833), identificou-se um elenco florístico de plantas medicinais com 79 espécies pertencentes a 48 famílias.

Na caracterização fitogeográfica aplicou-se a metodologia de Fournier (1977), na qual as espécies vegetais identificadas por áreas geográficas foram classificadas por prováveis grupos de proveniências. A partir da grande diversidade de áreas reuniu-se em cinco grupos principais: europeias (Europa do norte e centro, região mediterrânica), africanas (Egito, Síria, deserto do *Sahara*), americanas (Brasil, Venezuela, Argentina), asiáticas (Península Arábica, Turquia, Índia, Vietname, China) e pluriregionais (continentes americano, europeu e asiático). Na análise dos valores dos grupos verificou-se que existia uma predominância de espécies pluriregionais (47%), asiáticas (24%) e europeias (23 %). As espécies americanas e africanas contribuíram com 10 % de presenças respetivamente.

Na elaboração da listagem depararam-se com várias dificuldades, sobretudo a nível da grafia manuscrita antiga dos documentos consultados e na atualização dos antigos nomes latinos científicos.

6. Bibliografia

- “Autos de avaliação dos bens situados nesta Villa e sua antiga Commarca, e que pertenciam ao extinto Mosteiro de Santa Maria da Ordem de São Bernardo, caixa 2193, 1834
- APPLETON, Vasco Miguel Pontes, *Abadia de Santa Maria de Alcobaça: Caracterização Construtiva*, Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior Técnico, policopiada, Lisboa, 2000
- BECKFORD, William, *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha*, Londres, Richard Bentley, 1835
- BERNARDO, Alex Sousa, *Um Palácio para um Abade*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiado, 2009
- CARDOSO, Luís, *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*, 2 vols., Lisboa, na Regia Officina Sylviana, 1747-1751
- COELHO, Amílcar, MADURO, António e RASQUILHO, Rui, *O Céu, a Pedra e a Terra – Os Cistercienses em Alcobaça*, (GEPAE), 2012
- CORREIA, Vergílio, “Uma Descrição Quinhentista do Mosteiro de Alcobaça”, *Obras*, vol. V Estudos, Monográficos, Coimbra, Universidade, 1978, p. 63
- “Jornal de Coimbra, volume IV, Lisboa, 1813
- FOURNIER, P. 1977. *Les Quatres Flores de France*. Ed. Paul Lechevalier, Paris
- GOMES, Saul António, *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal Séculos XV e XVI*, Lisboa, IPPAR, 1998

- GONÇALVES, Iria, *O património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, 1989
- GUSMÃO, Artur Nobre de, *A real abadia de Alcobaça, estudo histórico-arqueológico*, Lisboa, Ulisseia, 1948
- KORRODI, Ernesto, *Alcobaça; estudo histórico-arqueológico e artístico da Real abadia de Santa Maria de Alcobaça*, Litografia nacional, Porto, 1929
- MONTEIRO, João Oliva, "A Hospedaria do Mosteiro de Alcobaça – Um passado, um presente, uma proposta de futuro", *Mosteiros Cistercienses, História, Arte, Espiritualidade e Património*, Alcobaça, 2013
- MARQUES, M^a Alegria F., *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Edições Colibri, 1998
- MURPHY, James Cavanah, *Travels in Portugal; through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira Estremadura, and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790*, London, A. Strahan and T. Cadell Jun and W. Davies, 1795
- NATIVIDADE, Joaquim Vieira, *O Mosteiro de Alcobaça. Notas Históricas, a Igreja, os Túmulos, o Mosteiro*, Porto, Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu, 1929, p. 24
- NATIVIDADE, Manuel Vieira, *O mosteiro de Alcobaça (notas históricas)*, Impr. Progresso, 1885, p. 137 e p. 197
- NEVES, Manuela, *Alcobaça: Rossio 1820-1936*, Alcobaça, Carpe Diem, 2001
- NOVA, Bernardo Villa, NOVA, Silvino Villa, *Breve História de Alcobaça*, Alcobaça, Tipografia Alcobacense, Lda., 1995
- NOVA, Bernardo Villa, *O Progresso Urbano da Vila de Alcobaça. Algumas outras notas*, Lisboa, Imprensa Lucas & C^a
- NUNES, Ana, "Intervenção arqueológica na Ala Norte do Mosteiro de Alcobaça. Contributos para o conhecimento da funcionalidade do espaço antes do século XVI" *Actas, Arte e arquitectura nas Abadias Cistercienses nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Lisboa, IPPAR, 2000
- OLIVEIRA JÚNIOR, José, *de Alcobaça através do Arquivo da Sua Câmara Municipal (1836-1902)*, Alcobaça, 1940
- SAN BOAVENTURA, Frei Fortunato de – *Historia chronologica, e critica da real abadia de Alcobaça*, 1827
- SANTOS, Frei Manoel dos; *Alcobaça Ilustrada*; Coimbra, 1710
- SILVA, Carlos Mendonça da (coord.), *Roteiro cultural da região de Alcobaça: a Oeste da Serra dos Candeeiros*, Alcobaça, Câmara Municipal de Alcobaça (organiz. Adepa), 2001
- TAVARES, José Pedro Duarte, *Mosteiro de Alcobaça, O Claustro Sul no Mosteiro de Alcobaça*. Relatório CB 25
- TAVARES, José Pedro Duarte, WILLIAM ELSDEN, O MOSTEIRO E ALCOBAÇA, www.fcsh.unl.pt
- TAINHA, Manuel, MOREIRA, C. A. Gil, GOUVEIA, Adelino, *Plano Geral de Urbanização da Vila de Alcobaça, 1979: objectivos e propostas*, Alcobaça, Câmara Municipal, 1979

7. Anexos

TIPO DE OBJETO	GÉNERO	MATERIAL	QUANTIDADE	VALOR (Réis)	PÁGINA
Óleo	-	Óleo de Mamona	3 Onças	\$60	469
Vasos e utensílios (garrafas, recipientes e outros)	Garrafas de 3 canadas	Vidro branco	2	\$800	"
"	Ditas de canada	"	3	\$360	"
"	Ditas de ½ canada	"	25	2\$500	"
"	Ditas de quartilho	"	21	1\$260	"
"	Ditas de ½ quartilho	"	4	\$240	"
"	Vidros d ½ canada, oitavados	"	4	\$240	"
"	Ditos de quartilho, redondos	"	21	1\$200	"
"	Ditos de quartilho e ½	"	4	\$200	"
"	Ditos de quartilho	"	24	\$960	469V
"	Ditos oitavados de ½ quartilho	"	8	\$240	"
"	Ditos de 4 onças	"	17	1\$440	"
"	Ditos de 2 onças	"	15	\$200	"
"	Ditos de onça	"	20	\$200	"
"	Ditos de ½ quartilho	Vidro preto	56	\$840	"
"	Recipientes de diversos feitios e tamanhos	Vidro branco	5	5\$000	"
"	Retortas	"	2	\$600	"
"	Alongamentos	"	2	\$600	"
"	Aparelho de [Voltio?]?	"	1	6\$000	470
"	Almofariz pequeno	"	1	\$200	"
"	Quatro mãos de diferentes tamanhos e grossuras	"	4	\$160	"
Vasos e utensílios (garrafas, recipientes e outros)	Panelas de Louça do Juncal	Louça	67	2\$000	470
"	Vasos brancos	Louça	19	\$360	"
"	Ditos mais pequenos	Louça	31	\$310	"
"	Ditos com tampa	Louça	36	\$900	"
"	Ditos tachos com tampa	Louça	60	1\$200	"
"	Ditos tachos mais pequenos	Louça	56	\$600	"

Acervo vegetal da botica do Mosteiro de Alcobaça

TIPO DE OBJETO	GÉNERO	MATERIAL	QUANTIDADE	VALOR (Réis)	PÁGINA
"	Bacias grandes	Louça branca	2	\$360	"
"	Jarro grande	Louça de Pó de Pedra	1	\$600	470V
"	Fogareiro usado	Cobre	1	4\$000	"
"	[Grãos?]	Mármore	3	\$600	
"	Alambiques de diferentes tamanhos e com bastante uso	Folha	6	3\$000	"
"	Dito de cobre pequeno e com um acrescento de lata	Cobre / Lata	1	2\$000	"
"	Capacete de outro Alambique, que furtaram	Cobre	1	1\$200	"
"	Almofariz grande	Bronze	1	2\$000	"
"	Latas de diferentes tamanhos e feitios	Folha	6	3\$000	"
"	Candeiro usado	Latão	1	\$400	471
"	Braço de Balança, com [conchas?] de pau e pesos de ferro de um arrâtel, de duas arrobas que são 7	Ferro	7	2\$400	"
Vasos e utensílios (garrafas, recipientes e outros)	Farmacopeia Setubalense in-fólio	Livro	3 Tomos	2\$400	471
"	Farmacopeia Madrilense, Latina em quarto	Livro	1 Volume	\$900	"
"	Dita Lisbonense, em quarto pequeno	Livro	1	\$160	"
"	Dita Geral do Reino, em bastante uso	Livro	1	\$200	"
"	História de Plantas de [Vegiés?], muito velha	Livro	2 Volumes	\$60	"
"	Garrafões de Louça das Caldas	Louça vidrada	3	\$600	"
"	Talha da mesma louça das Caldas	Louça vidrada	1	\$400	"
"	Potes da mesma louça vidrada das Caldas	Louça vidrada	7	\$500	"
"	Sertã de ferro	Ferro	1	\$120	471V

TIPO DE OBJETO	GÉNERO	MATERIAL	QUANTIDADE	VALOR (Réis)	PÁGINA
"	3 Medidas de folha de ½ canada, quartilho e ½ quartilho e 1 funil da mesma folha	Folha	3; 1	\$200	"
"	Tinteiro e Areeiro, velhos	Estanho	1	\$40	"
Vasos e utensílios (garrafas, recipientes e outros)	Espátula	Ferro	1	\$20	471V
"	Tesoura de Pé-de-Galinha	-	1	\$600	"
"	Dita de mão	-	1	\$60	"
"	Urna de madeira e tábua coberta de madeira, de fora	Madeira	1	24\$000	"
"	Imprensa de fuso	Madeira de Ulmo	1	14\$400	"
"	Outra dita de madeira de pinho velha, com dois fusos	Madeira de Pinho	1	2\$000	"
"	Escada de rodas	-	1	1\$600	472
"	Ditas de mão	-	2	\$400	"
"	Cadeiras de palhinha, velhas	- / Palhinha	3	\$720	"
"	Mocho pintado de azul	Madeira de Pinho	1	\$240	"
"	Banca de pau, de fora, com uma aba e gavetas de pinho	Madeira de Pinho	1	1\$600	"
"	Banquinha com uma gaveta	Madeira de casca	1	1\$000	"
"	Barra de cama com tábua de cabeceira de pinho, pintada de azul e bancos de ferro	Madeira de Pinho / Ferro	1	1\$000	"
"	Bancão de pinho da [terra?], velho	Madeira de Pinho	1	\$200	"
Vasos e utensílios (garrafas, recipientes e outros)	Pedra de preparar, com mesa de pinho tosco	Pedra / Madeira de Pinho	1	\$480	472V
"	Outra dita mais pequena	Pedra / Madeira de Pinho	1	\$300	"
"	Mesa, à maneira de caixão de cortar raízes	-	1	\$400	"

TIPO DE OBJETO	GÊNERO	MATERIAL	QUANTIDADE	VALOR (Réis)	PÁGINA
“	Almofarizes grandes	Pedra	2	\$600	“
“	Tina, pintada de encarnado, com seu rodízio dentro	Madeira de Pinho	1	1\$000	“
“	Pequeno caixão de madeira, pintado da mesma cor	Madeira de Pinho	1	\$120	“

(Páginas 472V;473;473V;474;474V)

Termo de Entrega

E por esta maneira acima declarada se houve por bem feita, finda, firme e válida, esta descrição dos objetos e utensílios da mesma Botica deste Mosteiro de São Bernardo; assim como sua competente avaliação, que cada uma das verbas, deva à margem de suas adições conforme a Declaração feita pelo Boticário, Avaliador o qual disse tinha cumprido seu dever conforme entendia em sua consciência, e debaixo do juramento que havia recebido, e assinado no princípio deste processo. Para contar, mandou o dito Reverendo Juiz Comissário fazer este termo que assinou o dito Avaliador e Reverendo Inventariante e eu Joaquim Eliseu Ribeiro que o escrevi e de fé com eles o assinei.

[Assinaturas]

Pinto. Joaquim Eliseu Ribeiro

Padre Caetano de Mello

João Pinto de Magalhães

E fiz este processo concluso e o Reverendo Juiz da Supressão e Inventário deste Mosteiro de São Bernardo que fiz este termo eu Joaquim Eliseu Ribeiro que o escrevi.

As drogas e mais objetos da Botica descritos, devem entregar-se a um depositário sem perda de tempo; e como nesta [vila?] não existe outro Boticário, que seja idóneo para esse fim, além do que foi avaliador da Botica, o escrivão o intime para servir de depositário, com as condições que se não de mencionar no termo de entrega. Alcobaça, 3 de fevereiro de 1834. [Assinatura] Pinto.

Em os 3 de fevereiro de 1834, foi publicado o Despacho supra pelo Reverendo Doutor Juiz Comissário João de Deus Antunes Pinto, que mandou se cumprisse como nele se contem, de que fizeste termo eu Joaquim Eliseu Ribeiro que o escrevi.

Notifiquei o Boticário supra nomeado para o conteúdo no Despacho.
Alcobaça, 4 de fevereiro de 1834
o Escrivão
Joaquim Eliseu Ribeiro

Termo de Depósito da Botica

Aos quatro de fevereiro de 1834 e nesta vila de Alcobaça e Casas da Botica do Mosteiro de São Bernardo aonde eu Escrivão vim de companhia do Reverendo Doutor João de Deus Antunes Pinto Juiz Comissário de Supressão e Inventário do mesmo Mosteiro e sendo aí presente João Pinto de Magalhães Boticário examinado e estabelecido nesta dita vila, na qual pelo dito Reverendo Juiz Comissário foi entregue a chave da Casa desta Botica com todas as drogas e objetos pertencentes à mesma, descritos e avaliados nestes autos, com as condições seguintes. Que é obrigado a conservar em [seu?], para restituir quando lhe for ordenado, toda a mobília e utensílios da mesma Botica, e que enquanto as drogas, como algumas delas estão sujeitas a deterioração, fica responsável ou a restituí-las em estado em que agora lhe são entregues, ou o valor delas, declarado na dita descrição. A que tudo se sujeitou o mencionado João Pinto de Magalhães, como fiel depositário. E para constar mandou o dito Reverendo Juiz fazer este termo que ambos assinaram. E eu Joaquim Eliseu Ribeiro no que o escrevi e [?] com eles assinei.

[Assinaturas]

Pinto.

Joaquim Eliseu Ribeiro
João Pinto de Magalhães

E pinte o termo [?]

Diante eu Joaquim Eliseu Ribeiro o escrevi.

**Assuntos desta edição dedicada à evocação
do IX Centenário da Abadia de Claraval (1115-2015)**

- Apresentação
- Programa

- Sujeito e verdade - Reactivação da espiritualidade em Cister e em São Bernardo, *Amílcar Coelho*
- Os séculos XVII e XVIII nos coutos de Alcobaça: arquitectura e paisagem, *Rui Rasquilho e António Maduro*
- S. Bernardo na independência de Portugal, *Pedro Gomes Barbosa*
- De “filhas do diabo” a “esposas de Cristo”. Algumas notas sobre os mosteiros cistercienses femininos, *Maria Alegria Marques*
- As Ordens religiosas e os vinhos estremenhos - Os bentos de Santarém (1629-1822), *Aurélio de Oliveira*
- Os forais manuelinos dos concelhos do couto de Alcobaça, *Saul António Gomes*
- Acervo vegetal da botica do Mosteiro de Alcobaça - Espaço, proveniências e uso. Notas preliminares de investigação, *Maria do Céu Tereno, Marízia Pereira e Maria Monteiro*
- Da reclusão à vida monástica: a origem de alguns mosteiros cistercienses femininos no século XIII, *Luís Miguel Rêpas*
- O Mosteiro de Santa Maria de Cós, um passado e um futuro - Perspectivas arquitetónicas, *André Santos*

ISSN 2183-4350



9 772183 435009 >